

Capítulo 15

**A RELIGIÃO
E O SENTIDO DA EXISTÊNCIA**

O problema do sentido da vida

- Dizemos que uma vida é absurda ou não tem sentido quando não tem qualquer **objectivo**.
- Dizemos que uma vida é absurda apesar de ter um objectivo desde que esse objectivo não consiga ser alcançado ou não tenha **valor**.

Será que a vida humana é absurda? Esta pergunta equivale a perguntar o seguinte:

1. Terá a vida humana um objectivo?
2. Será esse objectivo alcançável?
3. Terá esse objectivo algum valor?

Espaço de discussão:

1. Será que para uma vida ter sentido basta ter um objectivo que possa ser atingido? Porquê?
2. «É um erro pensar que para a vida ter sentido é necessário que a vida tenha *um* objectivo. Pode muito bem ter vários». Concordas? Porquê?
3. «O problema do sentido da vida não faz qualquer sentido». Concordas? Porquê?

A felicidade

Tolstoi sentia que a sua vida não tinha sentido por dois motivos:

1. A sua felicidade não tinha qualquer valor.
2. A sua felicidade era meramente **transitória**.

Espaço de discussão:

1. Discute o seguinte argumento: «A minha felicidade não tem sentido porque é transitória e não tem valor».
2. «Mesmo que a minha felicidade não tenha qualquer valor, a minha vida terá sentido desde que eu possa ser feliz para sempre». Concordas? Porquê?

O valor da felicidade

Argumentos de Kant a favor do valor objectivo da felicidade:

1. De um ponto de vista imparcial, cada pessoa é um fim em si. Mas se cada pessoa é um fim em si, a felicidade de cada pessoa tem valor de um ponto de vista imparcial e não apenas do ponto de vista de cada pessoa. Dado que cada pessoa é realmente um fim em si, podemos concluir que a felicidade tem valor de um ponto de vista imparcial.
2. Imaginemos um ser racional virtuoso que tenha todo o poder. Esse ser preferiria ser feliz a ser infeliz. Mas dado que tem todo o poder, é incoerente pensar que esse ser não seria realmente feliz. Logo, esse ser é realmente feliz.

A ideia religiosa de que os crimes serão punidos e a virtude recompensada, nesta ou noutra vida, pode ser uma maneira metafórica de exprimir a ideia de que só a felicidade merecida tem valor.

Espaço de discussão:

1. «A felicidade, merecida ou não, é sempre completamente subjectiva. Tem valor para quem é feliz, mas em termos objectivos não tem qualquer valor.» Concordas? Porquê?
2. «Sem uma perspectiva religiosa não é possível explicar o valor objectivo da felicidade.» Concordas? Porquê?
3. «A recompensa dos justos e a punição dos ímpios na outra vida é apenas uma maneira metafórica de exprimir a ideia de que só a felicidade merecida tem valor». Concordas? Porquê?

A felicidade eterna

- Um **postulado** é uma proposição admitida como verdadeira sem qualquer argumento.
- A **razão prática** é a faculdade responsável pelos raciocínios cujas conclusões nos dizem como agir.
- A **razão pura** é a designação que Kant dá à faculdade responsável por produzir raciocínios sem quaisquer premissas empíricas.

Repare-se no seguinte argumento:

- ❖ Se a alma não fosse imortal, não poderíamos alcançar a perfeição moral. Mas isso é intolerável. Logo, a alma tem de ser imortal.

Este argumento é claramente falacioso. Compare-se com este:

- ❖ Se nunca me saísse a lotaria, nunca poderia vir a ser feliz. Mas isto é intolerável. Logo, vai sair-me a lotaria.

Falácia do **pensamento caprichoso**:

- ❖ Como era óptimo que fosse verdade que P, é mesmo verdade que P.
- ❖ Tem de haver qualquer coisa além desta vida, caso contrário nada disto faria sentido.

Kant sublinha uma ideia fundamental do pensamento religioso no que respeita ao sentido da vida: que se a vida não fosse eterna, não faria sentido.

Espaço de discussão:

1. Imagina que o que Kant quer realmente é defender a seguinte ideia: «A imortalidade da alma é algo que qualquer ser racional deseja para si mesmo.»
 - a) Se é isto que Kant está a dizer, como poderias formular explicitamente o seu argumento?
 - b) Concordas com esse argumento? Porquê?
2. «O argumento de Kant não pode ser a falácia do pensamento caprichoso porque Kant era um grande filósofo e os grandes filósofos não fazem disparates». Concordas? Porquê?
3. «Se a vida eterna fosse como Kant a concebe, seria tão destituída de sentido quanto a existência de Sísifo. Sísifo passa a eternidade a tentar levar uma pedra para o cimo de um monte. E nós, segundo Kant, passamos a eternidade a tentar alcançar o inalcançável: a perfeição moral.» Concordas com este argumento? Porquê?

O argumento de Epicuro

- ❖ A morte não pode ser uma coisa má para nós porque quando morrermos deixaremos de existir – isto é, deixará de existir o sujeito para o qual a morte poderia ser uma coisa má.

Compare-se este argumento com o seguinte:

- ❖ O facto de a namorada do João o enganar não é mau para ele porque ele não sabe de nada nem nunca vai saber.

O problema do argumento de Epicuro é fazer tudo depender do ponto de vista subjectivo de cada pessoa. Ora, se o ponto de vista subjectivo de cada pessoa fosse tudo o que contasse para determinar se uma vida tem ou não valor, uma vida de completa ilusão, desde que nunca fosse descoberta, seria uma vida verdadeiramente feliz. Mas não é. Logo, o ponto de vista subjectivo de cada pessoa não pode ser tudo o que conta.

Era por isso que Tolstoi sentia que a sua felicidade era ilusória: a sua vida era feliz *para ele* mas esta felicidade parecia uma mera ilusão de um ponto de vista mais amplo. Queremos ser felizes, mas não queremos apenas ser felizes do nosso ponto de vista. Queremos que a nossa felicidade seja algo real, de qualquer ponto de vista.

Espaço de discussão:

1. «A morte não tem qualquer importância porque enquanto estamos vivos, a morte não existe, e quando estamos mortos, não existimos nós». Concordas? Porquê?
2. Imagina que te era oferecida a possibilidade de seres ligado a uma máquina da felicidade. Ficarias deitado numa cama o resto da vida, mas estarias a sonhar o tempo todo que tinhas uma vida cheia de felicidade. Do teu ponto de vista, não saberias que estavas ligado a uma máquina, terias apenas uma vida maravilhosamente boa. Ao fim de 90 anos, a máquina era desligada e tu morrerias sem nada sentir. Quererias ser ligado a essa máquina? Se sim, a tua vida faria sentido? Porquê?

O caso de Makropulos

- ❖ Se a vida fosse eterna, não teria qualquer sentido porque seria terrivelmente aborrecida.

Contra-argumento: O problema de EM é o facto de viver uma vida igual à dos mortais, mas excessivamente prolongada. Ora, isto não é a concepção religiosa de uma vida imortal. A concepção religiosa é a de uma felicidade eterna, completamente diferente de tudo o que podemos conceber.

Resposta ao contra-argumento: passámos do problema de tentar conceber uma vida mortal com sentido para o problema de tentar conceber uma vida imortal com sentido.

O que está em conflito são duas condicionais inconsistentes, apesar de não serem contraditórias:

1. Se a vida for mortal, não tem sentido.
2. Se a vida não for mortal, não tem sentido.

Perspectiva de Peter Singer: Uma vida humana ética tem sentido porque tem valor, apesar de ser finita. E tem valor porque a acção ética tem valor. A resposta para o sentido da vida não reside na imortalidade, mas antes no valor das nossas acções e projectos. Desde que as nossas acções e projectos tenham um valor universal, a nossa vida terá sentido.

Espaço de discussão:

1. «Desde que as nossas acções e projectos tenham valor universal, a nossa vida terá sentido». Concordas? Porquê?
2. Será possível que uma vida imortal faça sentido?
3. «É irrelevante que depois da morte eu passe para outro nível de existência de eterna felicidade. Isso não dá qualquer sentido à minha vida, porque esse ser que eu serei não é o que eu sou agora». Concordas? Porquê?

Espaço de discussão de leituras:

- «O Absurdo da Existência», de Arthur Schopenhauer
 1. Considera o que acontece quando estás numa festa com amigos. Não estás a lutar por coisa alguma, nem estás com tédio. Até que ponto isto refuta algumas das ideias de Schopenhauer?
 2. «Se a existência tivesse valor em si, o tédio seria impossível.» Concordas? Porquê?
 3. Considera a seguinte afirmação: «O sentido da existência não é a própria existência bruta, mas o valor que a existência pode trazer.» Concordas? Porquê?

- «Concepções Erradas do Absurdo», de Thomas Nagel
 1. Podemos concluir das afirmações do autor que a vida não é absurda?
 2. «O facto de sermos mortais não tira sentido à vida». Concordas? Porquê?
 3. «O facto de sermos imortais, se por acaso o formos, não dá qualquer sentido à vida». Concordas? Porquê?

- «A Resposta da Fé», de Leão Tolstoi
 1. Qual é a resposta que a fé permite dar ao problema do sentido da vida, segundo o autor?
 2. Por que motivo viver de acordo com a lei de Deus, em eterna bem-aventurança no paraíso, em união com Deus, dá sentido à vida?
 3. «A fé limita-se a dizer para acreditarmos que a vida tem sentido, mas não nos explica que sentido é esse. Apenas nos obriga a parar de pensar.» Concordas? Porquê?